

**Giulia Lanciani (1935-2018)**

Em Novembro de 2018 chegou inesperadamente a notícia do falecimento da conhecida lusitanista, com quem tive o privilégio de trabalhar, nos anos já longínquos de 1973-1975, na Universidade de Veneza. Licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade “La Sapienza” de Roma, a sua formação de base contemplou sobretudo o aspecto filológico, conduzindo-a para a elaboração de edições críticas, de que é exemplo o *Auto das regateiras*, de António Ribeiro Chiado (sua tese de licenciatura), a que se seguiram mais tarde as edições críticas dos cancioneiros de dois trovadores: Fernan Velho e Ayra Veaz. Foi Assistente de Língua e literatura portuguesa naquela Faculdade, e professora da mesma disciplina na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade “Ca’ Foscari” de Veneza (1972-1975). Voltou para Roma, tendo sido professora catedrática de Literatura portuguesa na Universidade de Roma Tre, e, desde 1980, também de Literatura brasileira.

Investigadora de reconhecido rigor científico, os seus interesses abrangeram amplos períodos literários das áreas portuguesa, catalã, galega e brasileira. Ocupou-se, deste modo, de literatura quer medieval, quer moderna e contemporânea, com estudos inovadores que, de certo modo, percorreram etapas fundamentais da literatura portuguesa. Assim, no sec-

tor da literatura galego-portuguesa, para além das edições críticas já referidas, assinala-se o magistral ensaio *A poesia de escarnho e maldizer*, elaborado com Giuseppe Tavani, e que conheceu sucessivas edições em galego (1995) e em português (1998); e notável é igualmente o *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (1993), que dirigiu ainda com aquele insigne filólogo.

Outro pólo específico da sua investigação diz respeito ao teatro do século XVI. Neste aspecto, cabe referir a já citada obra de António Ribeiro Chiado (acrescente-se o tratado das *Parvoíces* do mesmo autor); e o volume *Studi Camonianiani 80* (Romanica Vulgaria – Quaderni, 2), que dirigiu, e onde publicou “*Il Seleuco de Camões / Disgregazione e parodia d’una leggenda d’amore*”.

Alguns anos de estudo sistemático dedicou esta estudiosa ao denso capítulo da literatura de viagens constituído pelos relatos de naufrágios. A longa investigação começou com o artigo “*La matrice letteraria dei resoconti portoghesi di naufragio dei secoli XVI-XVII*” (*Studi Francesi e Portoghesi* 79, Romanica Vulgaria – Quaderni, 1), com a individuação de um específico modelo narrativo, estudo amplificado no conhecido volume *Os relatos de naufrágios na literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII* (Biblioteca Breve, ICALP, 1979). Sobre o tema assinalem-se ainda: *Santa Maria da Barca. Três testemunhos para um naufrágio* (1983), à volta da edição quinhentista do relato anónimo do “*Naufrágio da viagem que fez a nau Santa Maria da Barca*”; *Naufragi e peregrinazioni americane di Gaspar Afonso* (1984), voltando a debruçar-se sobre “*uno schema narrativo ormai affermato da una lunga esperienza letteraria*”; *Tempeste e naufragi sulla via delle Indie* (1991), com a tradução italiana de uma ampla antologia de textos como amostragem da sua tese em torno das “*unidades narrativas*”; e *Viaggi e naufragi portoghesi sulla via delle Indie / Viagens e naufrágios portugueses na rota das Índias* (2002), estudos que representam um contributo essencial para a gran-

de recepção literária de um género (a terminologia é sua) particularmente significativo da literatura portuguesa.

São igualmente de grande consistência os seus estudos de literatura portuguesa contemporânea, com particular atenção à poesia e à narrativa do século XX. Muito jovem, traduziu o romance *Casa da malta*, de Fernando Namora. Mais tarde, criou e dirigiu a coleção “Poeti e prosatori portoghesi” (Japadre Editore), tendo-se ocupado pessoalmente dos volumes *Finisterra*, de Carlos de Oliveira, com uma excelente e importante introdução analítica; *Il sole, il muro, il mare*, de Sophia de Mello Breyner Andresen; *Sandali al vento*, de Fernando Namora; *A fior di parola*, de Teresa Rita Lopes; e, em colaboração com Ettore Finazzi-Agrò: *Allegria del silenzio*, de Pedro Tamen; e *Verde vittima del vento*, de Ruy Belo. Além disso, ocupou-se profundamente da poesia de Carlos de Oliveira, de quem publicou a magnífica antologia *Officina poetica* (1975), e onde se analisa o “programmatico accostamento ai cubofuturisti e in particolare al mondo chlebnikoviano”. De mencionar ainda, no âmbito das excelentes traduções de poesia, a antologia *Inchiostro nero che danza sulla carta. Antologia di poesia portoghese contemporanea* (Oscar Mondadori, 2002), onde se propõe a poesia de Pedro Tamen, Gastão Cruz, Vasco Graça Moura, Manuel Alegre e Nuno Júdice. E, mais recentemente, voltou a ocupar-se da poesia de Manuel Alegre, de quem traduziu, entre outros poemas, o volume *Bairro Ocidental*.

Ocupou-se de problemas relativos à crítica textual, à edição crítico-genética e à metodologia da tradução. Também não ficou insensível à preparação de instrumentos didáticos indispensáveis ao ensino da língua e da literatura portuguesa em Itália, tendo publicado o *Profilo di storia linguistica e letteraria del Portogallo. Dalle origini al Seicento* (1999), a que se seguiu a organização dos volumes *Il Settecento e l'Ottocento in Portogallo* (2014) e *Il Novecento in Portogallo* (2014). Criou a “cátedra José Saramago” na Universidade de Roma Tre e

influiu seguramente na criação da “cátedra Manuel Alegre” na Universidade de Pádua.

Giulia Lanciani legou-nos uma obra monumental no âmbito dos estudos de literatura portuguesa, produto de uma vida inteira dedicada à investigação, paciente e rigorosa, da cultura de um país que amou e que talvez não lhe tenha prestado o devido reconhecimento, não obstante a condecoração de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, atribuída pelo Presidente da República, e os doutoramentos “honoris causa” pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela Universidade Nova de Lisboa. MANUEL SIMÕES

### **Giuseppe Tavani (1924-2019)**

Como comemorar um Mestre e, sobretudo, como posso eu, seu aluno desde o início do meu percurso académico, lembrá-lo sem cair no patético ou, pelo contrário, sem tentar manter a distância, apresentando um relatório enxuto das suas obras e dos prémios que ele recebeu, que eu sentiria—ou melhor, que todos aqueles que o conheceram sentiriam como uma traição da sua natureza de homem gentil e de estudioso ilustre? Escrever sobre ele, todavia, não é apenas um dever, mas um modo de prestar homenagem a uma pessoa especial, que viveu, talvez, algum tempo a mais e demais, um tempo restante e triste, obrigado a conviver com a imensa dor da perda da sua amada mulher e grande lusitanista Giulia Lanciani, que morreu alguns meses antes dele.

Giuseppe Tavani, de facto, deixou-nos aos 95 anos na manhã seguinte ao seu aniversário, no dia 22 de Março passado. Ele foi desde o início e até ao fim um grande filólogo. Este título bastaria, talvez, para definir o seu perfil científico: a sua atenção quase obsessiva — e, ao mesmo tempo, amorosa, como nos indica a etimologia — ao texto, a sua vontade de descobrir o que se esconde sob as palavras rabiscadas nos